17:47 85%

mundo

Ônibus queimado em Guayaquil, no Equador, em meio a distúrbios após líder de facção fugir da prisão Vicente Gaibor/Reuters

Noboa declara guerra a facções após 'noite de terror' matar 8 no Equador

Criminosos invadem emissora e universidade em Guayaquil, e presidente classifica cartéis de terroristas

Guilherme Botacini

BOA VISTA Um dia depois de decretar estado de exceção no Equador e em meio a uma onda de criminalidade que deixou ao menos oito mortes, o presidente Daniel Noboa assinou novo decreto nesta terça (9) em que reconhece que o país enfrenta um "conflito armado interno". O mesmo documento lista 22 organizações criminosas como terroristas e ordena às Forças Armadas executar operações "para neutralizar" os grupos citados.

Entre essas facções está a Choneros, cujo líder, Fito, fugiu da prisão no domingo (7). O incidente fez irromper uma crise de violência —a imprensa local descreveu a madrugada desta terça como uma "noite de terror", com explosões de carros-bomba e outros em atos aparentemente coordenados, além do sequestro de quatro policiais.

Os atos criminosos ocorreram após Noboa, que enfrenta sua primeira crise desde que assumiu a Presidência em novembro, decretar um estado de exceção de 60 dias em todo o país. A medida inclui um toque de recolher de seis horas, de 23h às 5h.

O caos se manteve na tarde desta terça, quando homens encapuzados invadiram a sede da emissora TC na cidade portuária de Guayaquil, no sudoeste do território. Eles renderam apresentador e funcionários com armas e granadas em mãos durante uma transmissão ao vivo do telejornal El Noticiero que em seguida saiu do ar.

Em vídeos da transmissão, é possível ver o grupo bradando contra a polícia e profissionais da emissora deitados no chão. Ao fundo, soam o que parecem ser tiros.

Um dos funcionários que estava no local durante o ataque enviou a um repórter da agência de notícias AFP uma mensagem em que dizia: "Entraram aqui para nos matar". Passaram-se cerca de 30 minutos até que as forças de segurança entrassem no local e prendessem ao menos 13 criminosos envolvidos na ação.

Em paralelo a isso, diferentes ataques ocorridos em Pasculeas e em outras regiões de Guayaquil deixaram oito mortos e dois feridos, informou o jornal local El Universo com base em um balanço da polícia divulgado às 18h30 do horário local (20h30 em Brasília).

A Universidade de Guayaquil também foi invadida por homens armados na data. Imagens nas redes sociais e relatos na imprensa local mostram alunos e professores correndo assustados pelo campus e se refugiando em salas de aula. O Ministério da Educação suspendeu as atividades de escolas de todo o país até a sexta-feira (12).

Diante da crise, a Assembleia Nacional apoiou o Executivo, anunciando resoluções adotadas em conjunto por bancadas de diferentes colorações políticas.

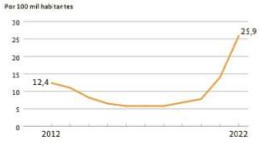
O ex-presidente esquerdista Rafael Correa, que governou o país de 2007 a 2017 e apoiou no pleito do ano passado a candidata derrotada por Noboa, foi outro que declarou "total e irrestrito respaldo" ao presidente, pedindo a ele que não cedesse.

A crise também gerou repercussões no exterior. O Ministério do Interior do Peru, por exemplo, ordenou o envio de forças para a fronteira de seu país com o Equador. Já o Itamaraty afirmou em nota que acompanha com preocupação a escalada de violência no país. Também disse estar apurando uma denúncia de sequestro de um cidadão brasileiro, Thiago Allan Freitas, em Guayaquil.

Com Reuters

Homicídios explodiram no Equador nos últimos dois anos

Por 100 mil habitantes



Fontes: InSight Crime e Macrotrends

Cronologia das crises no Equador

mai.23 Ex-presidente Guillermo Lasso sofre sua segunda tentativa de impeachment, dissolve Parlamento e convoca novas eleições

ago.23 Presidenciável Fernando Villavicencio é assassinado durante a campanha

out.23 Sete colombianos acusados pelo crime são enforcados em prisões, Lasso troca cúpula policial, e empresário Daniel Noboa vence 2º turno das eleições

nov.23 Noboa assume como presidente mais jovem do país, aos 34 anos

ÚLTIMOS DIAS

7.jan Maior líder do tráfico local, Fito foge da cadeia, e Noboa decreta estado de exceção

8.jan País vive "noite de terror" com sequestro de policiais, explosões e carro-bomba

9.jan Criminosos encapuzados fazem reféns em TV ao vivo e acabam presos, Noboa declara "conflito armado interno"

Hezbollah ataca Israel com drones em resposta a mortes de líderes do grupo no sul do Líbano

GUERRA ISRAEL-HAMAS

SÃO PAULO O Hezbollah promoveu nesta terça (9) um ataque robusto com drones explosivos contra uma base de Israel em resposta às ofensivas de Tel Aviv no Líbano, país em parte controlado pelo grupo islâmico extremista. A ofensiva reforça o temor de propagação do conflito contra o Hamas no Oriente Médio.

A facção disse que os drones atingiram o quartel-general do Exército na cidade de Safed, no norte do país. Foi a primeira vez que o grupo atacou a base, localizada a cerca de 8 km da fronteira com o Líbano, durante a guerra na Faixa de Gaza, iniciada há pouco mais de três meses. A estrutura serve como importante centro logístico para Tel Aviv.

Um porta-voz das Forças Armadas de Israel confirmou que uma base na região norte foi atacada, mas minimizou a ação, acrescentando que não houve danos ou vítimas. O militar não especificou o local a qual se referia nem divulgou detalhes da ofensiva. A tensão entre o Estado judeu e o Hezbollah vinha sendo equilibrada desde o início da guerra entre Tel Aviv e o Hamas palestino, mas tem crescido nas últimas semanas.

O Hezbollah disse que o ataque é uma retaliação pelo assassinato, na semana passada, do vice-líder do Hamas, Saleh al-Arouri, em Beirute, a capital libanesa, em ataque atribuído a Israel. Também afirmou se tratar de uma vingança pela morte de um dos chefes da força de elite do grupo ocorrida nesta segunda (8) durante bombardeio israelense no sul do Líbano.

Mais de 130 combatentes do Hezbollah foram mortos no Líbano durante as hostilidades com Israel, no pior confronto entre eles desde o fim da guerra em 2006. A violência ainda forçou dezenas de milhares de pessoas a fugirem de suas casas em ambos os lados da fronteira.

Após o ataque contra Safed, outro comandante do Hezbollah foi morto no sul do Líbano, segundo o jornal The Times of Israel. Ali Hussein Barji, atingido por um bombardeio em um carro na cidade de Khirbet Selm, teria estado por trás de dezenas de ataques com drones ao norte de Israel nos últimos meses.

Os EUA tinham enviado um porta-aviões para dissuadir o Hezbollah de tomar ações mais incisivas. Mas o navio que pressionava o grupo extremista pelo flanco esquerdo, no Mediterrâneo, deixou a região na semana passada. Ainda há um outro porta-aviões americano no Oriente Médio, baseado por ora no mar Vermelho.

Analistas temem que, com o anúncio de Israel de que o foco da guerra para desabilitar o Hamas após o mega-ataque de 7 de outubro seria canalizado para ações no sul de Gaza, recursos militares sejam desviados para o norte visando a um tira-teima eventual com o Hezbollah —com quem Israel já lutou várias guerras.

Tel Aviv quer que o grupo se retire para as fronteiras de uma zona tampão no sul do Líbano delimitada pela ONU em 2000, mas o Hezbollah se nega a fazê-lo. Neste momento, com a retirada de moradores de uma faixa da fronteira israelense, o tampão na prática está no território israelense, e a situação é politicamente insustentável para o já pressionado governo de Binyamin Netanyahu.

O premiê recebeu nesta terça-feira a visita do secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, cuja agenda indigesta buscava reduzir o conflito em Gaza e evitar seu alastramento. Tanto o Hezbollah quanto o Hamas são apoiados pelo Irã, arquirrival dos americanos, israelenses e árabes moderados na região.

Blinken disse aos líderes israelenses que ainda há chance de o Estado judeu conseguir a aceitação de seus vizinhos árabes caso Tel Aviv estabeleça um "caminho para um Estado palestino viável". Também pediu a Netanyahu que "evite mais danos civis" em Gaza.

Em sua quarta viagem à região desde outubro, numa busca até agora infrutífera para conter a violência, o americano disse que compartilharia com Israel demandas de líderes de Jordânia, Qatar, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita. Os diálogos seriam travados em reunião com o gabinete de guerra formado após os ataques de 7 de outubro.

Decreto sobre 'conflito armado interno' no país significa guerra civil

ANÁLISE

João Paulo Charleaux
Jornalista e autor de "Ser Estrangeiro – Migração, Asilo e Refúgio ao Longo da História", trabalhou no Comitê Internacional da Cruz Vermelha

O decreto emitido na terça (9) pelo presidente do Equador, Daniel Noboa, é uma declaração de guerra civil.

O texto presidencial não usa exatamente esse termo, e sim seu correspondente técnico e jurídico —"conflito armado interno"—, para referir-se ao embate entre forças estatais e 22 grupos armados organizados.

Na prática, porém, o decreto dá às Forças Armadas equatorianas o mais amplo respaldo legal para o uso da força. Os militares passam a realizar operações de guerra, empregando com maior liberdade, meios e métodos militares. Mudam os tipos de veículos, de munições e de estratégias empregadas pelo Exército, pela Força Aérea e pela Marinha. Passam a valer ações de grande envergadura e poder de fogo, quando comprovadamente necessárias, o que normalmente é restrito em operações de perfil mais policial, como as GLO (Garantia da Lei e da Ordem), como são chamadas no Brasil.

A partir de agora, os militares equatorianos não precisam moderar o uso da força para se ater a padrões policiais. Eles poderão agir como militares em guerra. É provável que, com isso, cresçam os números de presos, feridos e mortos.

Tudo isso se situa um degrau acima do estado de exceção e até do estado de sítio, pois ambas as figuras legais, que também pressupõem ampliação do uso da força pelo Estado, podem ocorrer em tempos de paz. Já a declaração de um "conflito armado interno" não significa outra coisa que uma guerra civil.

No mesmo decreto, Noboa também reconheceu a aplicabilidade do direito internacional humanitário. Isso significa que o país vai se ater às determinações de dois instrumentos principais: o artigo 3º presente nas Quatro Convenções de Genebra de 1949 e o Protocolo Adicional Dois de 1977. São regras aplicáveis exclusivamente em guerras.

Quando o direito internacional humanitário entra em cena, várias disposições do direito internacional dos direitos humanos podem perder força. O próprio direito à vida passa a ser mais relativizado Em tempos de conflito interno, um membro de grupo armado organizado passa a ser alvo legítimo, como qualquer combatente em guerra.

Pode-se argumentar que, na prática, esse tipo de comportamento já vigora em situações de violência urbana, como no Rio de Janeiro. É verdade, mas, no Equador, haverá cobertura legal para que esses meios e métodos militares tenham respaldo no direito e evitem consequências legais para comandantes militares e autoridades políticas no futuro.

A lei da guerra impõe, no entanto, restrições. São proibidas, em qualquer situação e em todo o tempo, as execuções sumárias e as desaparições forçadas, assim como a tortura e os maus tratos aos combatentes capturados. Os civis devem ser poupados de todos os efeitos das operações militares.

É o que diz a lei, mas não é o que se vê nas guerras.